

# A MÍSTICA DO MARTÍRIO NO APOCALIPSE

Joel Antonio Ferreira\*

## **Introdução**

O livro do Apocalipse é todo entremeado de momentos oracionais. Há, dentro desta obra, a expressão daqueles e daquelas que têm uma mística profunda que retrata a viva comunhão com o Ressuscitado e as irmãs e irmãos perseguidos. São várias comunidades orantes, porque têm interioridade. Elas fazem uma experiência de resistência e oram. Fazem uma reflexão e rezam. Amadurecem um momento conflitual, com esperança, e entram em oração. Fazem qualquer análise de conjuntura e explodem num canto, hino, doxologia. Respirando bem ou arfando, a comunidade se define por ser uma Igreja perseguida consciente que haure sua vivacidade na oração. É uma mística viva. Elas oram porque não têm medo, porque têm a visão do trono (Ap 4–5), e “vêm” o ressuscitado como Rei dos reis e Senhor dos senhores (17,14).

## **Relembrando o surgimento do Apocalipse**

É uma obra que trabalha a riqueza das simbologias. Ela foi escrita no tempo do imperador romano Domiciano (81-96 depois de Cristo). Uma trágica perseguição aos cristãos foi feita pelo seu governo imperial.

O Apocalipse nos cap. 13,1-8 e 17 o chama de “besta-fera”. Domiciano com a cidade de Roma encarnam todo poder econômico e político-militar. É tão forte que se instala uma forte ditadura totalitária e repressora.

Há, conforme o Apocalipse, uma “segunda besta-fera”. Está no Apocalipse 13,11-18. Já em 16,13 é chamada de “falso profeta”. O papel desta se torna mais importante que o da primeira besta-fera. Trata-se de toda a ideologia que sustentava Domiciano. Quer dizer, é aquela propaganda inteligente e perspicaz que criava uma imagem falsa do imperador. Ele era terrível e perverso, porém a propaganda o transformava em belo e bondoso.

A propaganda da “segunda besta” fez grande parte do império acreditar que ele fosse “Deus”. Realmente, Domiciano foi divinizado mais do que qualquer outro imperador. Era adorado como deus (13,4). Para isto, a “segunda besta” agiu extraordinariamente.

\* Joel Antonio Ferreira é doutor pela Universidade Metodista de S. Paulo em Ciências da Religião na área de Concentração em Bíblia e professor titular da Universidade Católica de Goiás no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião.

No cap. 17, o Apocalipse faz uma reflexão sobre a cidade idolátrica onde habitava a corte de Domiciano. Esta cidade é Roma. É chamada de “prostituta” (17,1-6. 15-18). Às vezes, é designada como “Babilônia” (17,16; 18,1-24), para significar o local onde reinavam a idolatria e os vícios desenfreados.

O Apocalipse não é ingênuo. Vai às raízes: Ele percebe que na origem de tudo está o “mal do mundo”. O livro o chama de “Dragão” (12,3-4.7-10.13-17), de “Serpente”, “Diabo”, “Satanás” (12,9).

É este mal (dragão) que transmite a força à besta. Pois bem. Antes, no governo de Nero (54-68), já tivemos uma forte perseguição aos cristãos, principalmente na cidade de Roma. Agora, com o imperador Domiciano a perseguição se estende pelo império (13,7; 17,14). Foi muito mais cruel que a primeira, a tal ponto que os cristãos que sobreviveram à de Nero ficaram perplexos.

O Apocalipse, em alguns momentos, analisa as duas perseguições e alguns, no império, até se perguntam se o fracasso de Nero não reviveu no esplendor de Domiciano (13,14): “Quem é como a besta?” E o império adora o dragão e a besta (13,4-8).

### **A luta das ideologias**

O grande conflito que as comunidades cristãs enfrentam é, sem dúvida, com o Império Romano. Há um conflito ideológico acentuado<sup>1</sup>.

*Roma*: de um lado, por parte de Roma, a ideologia que mantinha o poder, entre outras coisas, sustentava ser o imperador o senhor do mundo. Ele se autodivinizara (Ap 13,4) e a ele se inclinara o sistema imperial. Este era coeso e, praticamente, detinha o controle de tudo.

Esta força coercitiva fazia com que todos os povos se submetessem à autoridade de Domiciano. Então, a “titulatura”, que vinha do costume de outros impérios anteriores, fora dada ao imperador romano. Os principais títulos que ele recebera eram: possuir toda “honra, riqueza, glória, poder e autoridade”. Ora, os povos submetidos a Roma se submeteram a esta situação. Isto, no contexto, significava a submissão total ao imperador. Portanto, o império, que escravizava e assassinava, exigia que os súditos se prostrassem diante do seu imperador (13,4.8).

Nesta divinização do império se escondia a dura situação da violência e repressão. Divinizando, amortecia as consciências. Por trás da “Pax Romana” a ideologia da morte ia solapando qualquer consciência crítica.

Veladamente, a ideologia romana, em nome da religião imperial (tinha vários deuses), criou um eficiente sistema de controle (13,16-17). Explorava os povos dominados para manter os grandes gastos do império. Roma se enriquecera. Sabemos que em toda dominação econômica, política, ideológica, cultural e social quem mais sente

1. FERREIRA, Joel A. É possível rezar em tempo de perseguição? A Liturgia da Vida no Apocalipse. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 35, 1992, p. 56-57.

o peso opressor são os pobres. O cap. 18 retrata bem os grupos dos magnatas que sustentavam e eram sustentados por Roma.

*Cristãos*: do outro lado, estão os cristãos proclamando que o Ressuscitado controlava a história. Toda a pregação cristã cria e vivia a busca do Senhor da História! Anunciava o Reino do Cordeiro que está de pé (4-5). Denunciava o “falso reino de Roma e seu imperador” (12-13 e 17). Agia pelo testemunho e Palavra (1,9; 11,1-13; 14,12-13; 15,12). Convocava a todos para um novo modo de viver (7,4-8; 14,1s). Celebrava a vida dos resistentes e mártires (7,13-14; 19,9).

Diante de uma das perseguições mais duras da história do cristianismo, chegou um momento em que muitos começaram a se desesperar e, na confusão, indagaram se, realmente, o Senhor da história era Domiciano ou Jesus Cristo. Havia, no momento escuro da história, uma psicose de medo. Isto está refletido em Ap 5,3-4. A Igreja angustiada “chora” porque não consegue ler os acontecimentos e ver uma saída.

A fé estava ameaçada. Foi neste momento que os animadores da comunidade (João) surgiram para animar os desesperados. Um dos anciãos consola a Igreja e dá sentido ao momento atual (5,5-8).

Era necessário que a Igreja perseguida “subisse” até o céu para poder ler os tristes acontecimentos (4,1) à luz de Deus. O “subir” é importantíssimo. Toda comunidade angustiada ou desesperada só poderia sair desta situação se conseguisse “subir”, isto é, num esforço renhido, à luz do Ressuscitado, ela devia se superar e começar a ler de um modo novo os acontecimentos da crise. A comunidade “sobe” quando ela tem uma “visão” (Ap 4,1): Ela crê e compreende que o Ressuscitado está Vivo e presente no meio da história. Ela compreende que os momentos difíceis passarão. Ela vencerá com o Cordeiro. Qualquer comunidade só se sustenta na fé.

“Subindo”, ela está se nivelando por cima, quer dizer, está lendo os momentos difíceis no nível de Deus. Assim ela persevera porque “vê” Deus se manifestando na história e revelando o seu plano.

Então, após ter a clareza do plano de Deus, a Igreja perseguida não teve dúvida: o Império Romano e seu imperador Domiciano se sustentam pela dominação opressora que leva à morte. A Igreja do Cordeiro resistirá porque está compreendendo que o plano de Deus é de justiça, paz, serviço e amor.

Vemos aí que a luta por uma nova ideologia, a da vida, passa a ser o programa dos cristãos em tribulação. Entre ser “obedientes” e “rebeldes” os cristãos optam pelos dois modos de viver. A Igreja de Jesus Cristo é “obediente” enquanto realiza a vontade do Pai, cujo plano é o seu Reino. Ela é “rebelde” quando grita a Deus que faça justiça (6,9-11) contra o dragão (12,34) que se encarnou no Império Romano. Ela é “rebelde” porque não aceita as injustiças e resiste.

### **Nome de Deus: “Aquele-que-era, Aquele-que-é e Aquele-que-vem”**

É importante chamar a atenção para a questão do “nome”. Este era a expressão de como as comunidades olhavam, em tempo de perseguição, para Deus. A Trindade recebe nomes diversos e significativos em todo o livro.

Por exemplo, o *Pai* algumas vezes é chamado de Alfa e Ômega (Ap 1,8 e 21,6). Em outros momentos recebe o nome de “Era-É-Vem” (Ap 1,4.8; 4,8) e “É-Era” (Ap 11,17; 16,5) por que já veio e está presente e dentro da história. A história de Deus é a história do seu povo. Tantas vezes, ele é invocado como o Pantocrator ou o “Todo-Poderoso” (Ap 1,8; 4,8; 11,17; 15,3; 16,7.14; 19,6.15; 21,22) que era o título dos reis, a partir de Alexandre Magno.

O *Filho* tem várias referências como “Testemunha (mártir) Fiel”, “Primogênito dos Mortos”, “Príncipe dos reis da terra” (uma rebeldia dos cristãos apropriando-se de um título romano). Em cada uma das sete cartas às Igrejas ele tem um título diferente. No entanto, o nome mais importante do Filho é “Cordeiro”.

O *Espírito Santo* é chamado de “sete lâmpadas de fogo”, significando a plenitude da ação de Deus no mundo. A lâmpada ilumina e o fogo esquenta e purifica. Tem, às vezes, o nome de “sete olhos”, porque ele age sempre e em todos os lugares. É também invocado como “sete espíritos”, lembrando os sete dons de Isaías (11,2-3).

Na primeira parte do Apocalipse, os autores apresentam uma visão inaugural de Jesus (Ap 1,9-20) aprofundando as “coisas presentes” que estão acontecendo nas comunidades com o objetivo de dizerem aos cristãos para não terem medo, apesar de tudo. No início da segunda parte, temos a visão do trono (Ap 4–5) que tenta, camufladamente, descrever o Deus da Vida e o Cordeiro imolado, porém, de pé (vivo).

Nesta visão João “entra” no universo de Deus para enxergar o outro lado da história. Aqui as comunidades perseguidas são convidadas a entrar com ele no céu. A intenção é, ao olhar os fatos da perseguição, ter consciência das coisas. Assim, será possível tomar uma postura comunitária, na ótica de Deus.

Temos em Ap 4,1 um convite para “subir” ao céu. Em seguida (v. 2-8a), é descrito o trono de Deus. Posteriormente (v. 8b), temos o apogeu com a aclamação e revelação do Nome de Deus. Isto faz explodir um impressionante louvor (v. 9-11).

Então, é em Ap 4,8b que vemos a referência fortíssima do “nome de Deus”. O “Santo, Santo, Santo”, “Senhor Deus Todo-Poderoso” é definido como “Aquele-que-era, Aquele-que-é e Aquele-que-vem”.

Vamos agora comparar esta expressão do Apocalipse com outra expressão, em hebraico, que aparece em Ex 3,14. Neste texto, segundo os *Targumim* (comentários judeus dos séculos I e II), Deus se revela a Moisés explicando o seu nome. Ele usa a palavra *Ihwh*. Significa “Sou que Sou” ou “Estou que Estou”. Para os *Targumim*, se refere à tríplice ação de Deus no passado, no presente e no futuro<sup>2</sup>. O texto do Êxodo (3,11-15) relata o diálogo de Deus com Moisés, enviando-o ao faraó para fazer sair do Egito o povo hebreu. Ao susto de Moisés, percebendo sua pequenez diante da grandeza do faraó, Deus diz que “está” com ele. Moisés retruca dizendo que irão perguntar o nome do que o enviava. Ao que Deus responde: “Estou que Estou”! E apro-

2. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João*. A teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 175.

funda dizendo que este é o meu nome para sempre e que quero ser invocado de geração em geração.

IHWH é o sinônimo resumido de “Estou que Estou” que afirma a presença libertadora de Deus. É o compromisso assumido por Deus de “estar” sempre com o seu povo para libertá-lo.

Os autores do Apocalipse, volta e meia, retomam idéias teológicas, expressões ou conceitos do Antigo Testamento para afirmar um anúncio para a Igreja em dificuldades no Novo Testamento. Por isso, parece, que a expressão “Aquele Que Era-É-Que Vem”, na língua grega, quer significar o mesmo “Estou que Estou”, dando a entender que o mesmo Deus libertador dos hebreus no país do Egito é o Deus libertador dos cristãos no Império Romano. Mesters e Orofino dizem que, literalmente, este tríplice nome deve ser traduzido por “o Era, o Sendo, o Vindo”, sendo o ponto alto da aclamação. De fato, como a Moisés no Antigo Testamento, agora Ele defende as comunidades contra a ameaça do Império Romano. Deus assume o mesmo nome libertador<sup>3</sup>.

Como no Êxodo, Deus viu a miséria do seu povo e ouviu os seus clamores (Ex 3,7), agora no Apocalipse, de novo, os ouvirá. O interessante é que a expressão “Era-É-Vem” (Ap 1,4.8 e 4,8), mais tarde, ficará reduzida a “Era-É” (Ap 11,17; 16,5), significando que não há mais necessidade de usar “Vem”, porque ele já veio. Por isso, a grande dificuldade da comunidade que “chora” (Ap 5,4), porque não consegue interpretar a história, fica solucionada: a igreja perseguida agora consegue ler os acontecimentos e ver Deus conduzindo a história. Ele está vivo e presente no meio da história, numa decisão total pelos seus perseguidos. Conhecendo o “nome” de Deus, isto é, sua identidade absoluta, os cristãos perderão o medo, lutarão por uma paz diferente da romana e se animarão nas comunidades, porque sabem que o Deus do Êxodo é o mesmo do Apocalipse e, portanto, não serão derrotados.

### **A mística do martírio no Apocalipse**

O livro do Apocalipse é um texto litúrgico escrito em tempo de tribulação, angústia, desespero. É o testemunho de comunidades perseguidas<sup>4</sup>.

Neste testemunho, deparamo-nos com uma comunidade orante. É como se fosse o ato de respirar numa longa subida: a todo o momento, a comunidade inspira o oxigênio da oração para completar a respiração no testemunho, inspirando, orando, respirando, rezando...

Em quase todo o livro, temos o motor: é o testemunho da Igreja (6,9). O combustível são as orações que não deixam o carro das comunidades parar ou quebrar.

Esta Igreja primitiva (as comunidades) perseguida pela polícia do imperador Domiciano reza, e reza mesmo. Mesmo sentindo na pele as dores da perseguição ela

3. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João*, p. 174.

4. FERREIRA, Joel A. É possível rezar..., p. 58-61.

ora com ardor. Vivia na experiência mística: ela “subiu”. Uma comunidade quando olha “do alto”, do nível do Ressuscitado, reza a vida na sua totalidade.

Vários hinos (doxologia) retratam a comunidade perseguida rezando a sua caminhada com os pés no chão. Orando, estas igrejas foram absorvendo fortemente a revelação do Cordeiro, confrontando suas vidas com o estrangulado ambiente judaico e com o poder repressor romano. Nas preces e louvores esta gente unida foi delineando os trilhos em que se devia pisar para sobreviverem.

Cada hino do Apocalipse surge envolvendo toda a vida da Igreja. Um a um é reflexo da resistência dos atribulados e companheiros de tantos mártires. Para resistir às adversidades que Domiciano impunha era preciso ter um “pique” e clareza de fé muito grande. Muita gente fora presa e assassinada. Muito sangue fora derramado (6,9; 13,10; 18,24).

No livro do Apocalipse existem, pelo menos, vinte e cinco orações e hinos (doxologias). Algumas são quase repetições. Outras, acréscimo ou aprofundamento. Todas, no entanto, reflexo ofegante dos perseguidos ou vibrações exultantes pelas vitórias. São todas “liturgias místicas da vida dos perseguidos”. O que percebemos, imediatamente, em cada oração?

Para além da fé viva na Trindade (1,4-6), há uma situação vital onde o dinamismo social aflora mostrando os “conflitos”. Refletiremos apenas uma para podermos compreender a mística que animava os cristãos perseguidos.

*a) Oração surgida no confronto: compromisso com a justiça*

“Até quando, ó Senhor Santo e verdadeiro, tardarás para fazer justiça, vingando nosso sangue contra os habitantes da terra?” (6,10)<sup>5</sup>.

A oração do Apocalipse (6,10) é bem compreendida se ouvirmos o diálogo de João (comunidade perseguida) com o ancião (7,13-14): aí temos a chave dada pelo livro. Quem são os perseguidos? Por que estão vestidos? Por que a veste branca? Quem clareou as vestes? Como?

– Ancião: “Estes que estão trajados com vestes brancas, quem são e de onde vieram?”

– João: “Meu Senhor, és tu quem o sabes!”

– Ancião: “Estes são os que vêm da grande perseguição: lavaram suas vestes e alvejaram-nas no sangue do Cordeiro”.

Pois bem! Uma das conseqüências da grande perseguição foi o martírio. Este diálogo do Ancião com João foi a lanterna que as comunidades perseguidas estavam

5. FERREIRA, Joel A. É possível rezar... p. 59-61.

precisando para clarear o “para onde vamos?” Com “a certeza na frente”, na presença do Ressuscitado (Cordeiro), elas estavam pegando “a história na mão”. Na “Liturgia da Vida” a Igreja atribulada vê (crê) as vidas dos irmãos mártires debaixo do altar, como se fosse o altar dos holocaustos (1Rs 8,64s). Os mártires estão ligados à imolação do Cordeiro (Jesus Cristo). Na concepção semita, a vida residia no sangue. Os mártires sobre o holocausto se tornam vítimas sob o holocausto porque o sangue (vida) é derramado para a base onde o sacrifício termina.

Por que foram sacrificados?

Por causa da Palavra de Deus e do testemunho (6,9).

São os mártires que pedem justiça. No pedido, nesta oração, surge o grito da esperança. Prevê-se, nesta oração, a vitória. Está na expressão “até quando?” Seria mais ou menos assim: “Não é possível continuar nesta situação! Não agüentamos mais, Senhor Deus, dá um jeito!”

O “até quando?” é expressão de fé também. Eles sabem que o Ressuscitado não abandonará os que lutam e, muito menos, os imolados por testemunharem a sua Palavra.

Como toda a esperança está ligada à fé, é preciso clamar a Deus pela justiça. Como os hebreus no Antigo Testamento foram ouvidos por Javé (Ex 3,7-8), os cristãos também clamam: É preciso abreviar o tempo da repressão, tortura e martírio. “Vingue o nosso sangue, Senhor!” (6,10c). Este grito nos lembra os “Salmos de súplica” do Antigo Testamento (Sl 5; 6; 7; 13; 17; 22; 25; 26; 28; 31; 35; 36; 38; 39; 42; 43; 51; 54; 55; 56; 57; 59; 61; 63; 64; 69; 70; 71; 86; 88; 102; 109; 120; 130; 140; 141; 142; 143).

Como nos Salmos, há aqui um apelo ao Senhor, que é Santo e verdadeiro, por causa da urgência (tardarás), e um pedido de socorro (fazer justiça). A comunidade descreve o momento desesperador e pede a ação divina contra os habitantes da terra (romanos assassinos).

Por que esta súplica desesperada? O cap. 6, que fala da abertura dos selos, retrata um combate entre o mal e o bem (Deus) sendo este o vencedor. Como o Apocalipse é um livro litúrgico e esperançoso, transmite uma forte segurança aos cristãos. Aí a resistência se organiza e vem a “rebelia” cristã que está inerente nesta oração. Esta rebelia dá coragem aos atribulados. Em vez de súplica desesperada, é uma súplica rebelde. A mística é rebelde porque vem de uma fé viva.

Somente os identificados com a prática libertadora de Jesus sabem o que é a prece rebelde. Não tem nada de neurose ou histerismo, mas é a prece que surge da consciência crítica de quem vive dentro das contradições conflituais e que opta, na fé, pelos fracos e deserdados.

O orante desta prece vê (crê) Deus respondendo, ao agir na história, julgando os opressores (6,12-17) e restituindo a vida aos mártires organizados (6,11). Este é o ápice da libertação.

Já vamos vendo por esta oração (6,10) que quem é fiel ao Ressuscitado, em tempo de adversidades, não só consegue, mas tem necessidade de orar em todos os mo-

mentos. A existência, atribulada pela ameaça, se encontra com a oração vitalizada pelo contacto mais íntimo com aquele que também foi martirizado na cruz. Há uma constante “liturgia mística da Vida”. O perseguido é um mártir, é um ofertório.

O grito do perseguido é a rebeldia livre de quem tem a intimidade total com Deus. Os mártires são orantes.

É interessante como esta identificação com Deus é tão íntima que a cada prece se desvela a riqueza do Senhor e a profundidade do perseguido. Este se preocupa com a justiça e sabe que esta só existe nele. O perseguido reza porque tem fé crítica e a sua mística o mantém na coragem do Ressuscitado.

### **Bibliografia**

FERREIRA, Joel A. É possível rezar em tempo de perseguição? A Liturgia da Vida no Apocalipse. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 35, 1992.

MESTERS, C.; OROFINO, F. *Apocalipse de São João*. A teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Vozes, 2003.

Joel Antonio Ferreira  
Rua 225, n. 316, apto 602  
Ed. Alessandra, Setor Universitário  
74610-090 Goiânia/GO  
joelfer@cultura.com.br